

MARTINS FERREIRA, D. M.. Multiculturalismo e generalização: fome zero. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

MULTICULTURALISMO E GENERALIZAÇÃO: FOME ZERO*

Dina Maria MARTINS FERREIRA (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

ABSTRACT: This article deals with the displacement of the subjects in the Zero Hunger. I have chosen a route organizing through differences that construct the subjects; those that are constituted in social class pluriculturalism; and mass subjects, which become silent through the generalization.

KEYWORDS: subject; non-subject; multiculturalism; generalization

0. Considerações

No estudo sobre o projeto governamental Fome Zero é a linguagem midiática que vai nos oferecer dados para o estudo das diferenças no construto social brasileiro; nesse construto privilegia-se a práxis do sujeito e os espaços que habitam.

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e a classe não-privilegiada. Não importam os quesitos classificatórios de riqueza e pobreza - se pelo ganho econômico - quantitativo, se pelo grau de consumo na sociedade capitalista, se pela forma de apresentação em vestuário, se por imagens de bocas sem dentes, ou se por figuras flageladas -, as diferenças saltam aos olhos, já que é um programa que visa terminar com a fome brasileira.

1. Estereótipos sociais e as diferenças

Para delimitar as múltiplas figurações sobre pobreza e riqueza, ficamos em estereótipos fornecidos pela mídia, que de forma mais sistemático-repetitiva ancora a macro-dicotomia – ricos e pobres; além disso, os estereótipos, símbolos fortemente estratificados pelo social, nos permitem alcançar parâmetros do imaginário coletivo. Cabe lembrar que estereótipos são, sem dúvida, significados mais cristalizados, mas não menos dinâmicos, já que como representações culturais constituem um processo dinâmico (...). Não se trata de elementos estáticos nem imutáveis mas sim sistemas de representação que mudam e se reelaboram em forma

de imagens, modelos, crenças e valores em cada contexto e tempo (Kincheloe & Steinberg, 1999). Imaginário é pluri-espacial, alinear, que na interação social constrói a memória, ou seja, a história museológica de um capital humano. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultados de ‘matrizes’, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e re-significados em determinado instante social.

Preenchemos, então, o espaço das categorias estereotipadas por figuras: na classe dos privilegiados alocam-se não só os ditos ricos, mas também o governo, pois ambas figurações circulam na faixa do poder. O poder governamental, na figura Lula, representante do povo (e com o povo por sua própria biografia), está nesse momento histórico habitando, por um lado, a classe privilegiada e, de outro, o pobre ou até o miserável, classe que abriga o esfomeado brasileiro. Imagens podem ser ilustrações dessas representações. Em relação ao poder governamental, Lula, em sua primeira sessão de cinema no Palácio da Alvorada, está assistindo ao filme “Deus é Brasileiro”, ao lado do diretor Cacá Diegues; o presidente está sentado em cadeira estofada tipo de escritório, forrada de vermelho, vestido de roupa esporte de cor branca, e ri olhando para o diretor enquanto alisa um cachorrinho branco peludo sentado em seu colo. Imediatamente a imagem do senhor todo poderoso, Dr. No, surge do imaginário, é o filme “O satânico Dr. No contra 007” (o agente James Bond) (figura 1, anexo); Dr. No era o poderoso e que só aparecia em cena fazendo carinho em seu gato branco e sempre vestido de roupa branca, a tudo comandava sem nenhuma expressão de raiva, parecia sempre estar se divertindo na prática do poder. (*Folha de São Paulo*, 12 de fevereiro de 2003, A7). E em relação ao miserável, Martilene do Nascimento e a neta Ana Clara em seu colo, uma criança em torno de 1 ano e meio, se apresentam ao fundo três vasilhames (figura 2, anexo); Martilene e Ana Clara têm olhos fundos e grandes, um pouco esbugalhados, ou seja, maior que o próprio rosto. O olhar de Ana Clara é de que nada entende e está perguntando. O olhar de Martilene não mais pergunta; é magra, enrugada, lábios finos e cabelos pretos, presos à nuca; e afirma: “Eu me acostumei a comer 1 vez por dia” (*Folha de São Paulo*, 17 de dezembro de 2004, C5).

2. Diferenças sociais : multiculturalismo

Por tais pólos sociais, começamos a perceber um povo multicultural. Na idéia de multiculturalismo, não vamos levantar estatísticas econômicas, mas focar principalmente a existência de classes que configuram mundos, olhares, cotidianos díspares.

Multiculturalismo confirma-se pelo próprio projeto Fome Zero, já que ele só pode existir se houver diferenças; um projeto governamental que legitima as diferenças de classe da sociedade brasileira. E como afirma Stuart Hall (1997 *apud* Kincheloe & Steinberg, 1999:12) sobre o impacto do sistema de representações na configuração da sociedade atual, “as representações têm a ver com o cultural, porém, sobretudo, com o significado que dão a cultura porque transmitem valores que são coletivos, compartilhados, que constroem imagens, noções, mentalidade a respeito de outros coletivos”.

No início do século XXI (Kincheloe & Steinberg, 1999), projetos sociais têm privilegiado o princípio da igualdade a partir do reconhecimento da diversidade; direitos humanos têm “refletido sobre o conceito de cidadania em sociedades que operam mecanismos de exclusão de setores crescentes de minorias que não gozam dos direitos de cidadania” (*ibidem*: 13). E parece que é essa a proposta do projeto Fome Zero: ao reconhecer a grande diversidade de classes, propõe um princípio de igualdade - prato cheio à mesa de todos os brasileiros.

E é justamente pelos estudos que se têm feito sobre o multiculturalismo, que queremos indagar como ele organiza os sujeitos do projeto Fome Zero: governo e esfomeado. Na medida em que a voz e a atuação estão nas mãos do governo, estabelece-se a dimensão do sócio-político, universo da voz, daquela que fala e atua. Problematizando como as classes polares – privilegiados e não-privilegiados – se posicionam no movimento social,

falar do multiculturalismo é falar do jogo das *diferenças*, cujas regras são definidas nas *lutas* sociais por *atores* que, por uma razão outra, experimentam o gosto amargo da *discriminação* e do *preconceito* no interior das sociedades em que vivem. (González e Gonçalves e Silva, 2002:11) (itálico acrescido).

No que tange ao *jogo de diferença*, apresentam-se duas posições heterogêneas: o governo que comanda e dá as diretrizes e o que espera benefícios para suprir sua carência. No aparente mundo do constativo – é isso e ponto final -, as diferenças acionam o *preconceito* e a *discriminação*. O poder governamental pode receber críticas, a que alguns chamariam de discriminação, mas não é dessa discriminação a que estamos nos referindo, é aquela que exclui, que faz o privilegiado se afastar daquele que não é privilegiado. O esfomeado é um grupo *discriminado*, porquanto habita no imaginário coletivo dos privilegiados

como aquele que causa estranheza ao belo do sucesso. Calado pela voz, de boca fechada para a comida, o pobre esfomeado sofre *preconceito* por sua miserabilidade. Vemos a diferença de classe pela quietude e passividade na fala de Martilene: - Eu me acostumei a comer 1 vez por dia (*Folha de São Paulo*, 17 de dezembro de 2004, C5); e pela alegria do empresário rico que se diverte de “máscara do presidente neste Carnaval; (e que pulou carnaval) com este “Lula” de camiseta decotada” (*Folha de São Paulo*, 7 de março de 2003, Ilustrada, E2).

No caso do Fome Zero, o grande espinho epistemológico é como dizer que o projeto é um retrato do multiculturalismo brasileiro, já que este se traduz como um movimento de reivindicação, no qual sujeitos *lutam*, ou seja, há *atores*. E aí perguntamos, a classe dos esfomeados luta, reivindica? Como um esfomeado pode lutar, se não alimenta o próprio corpo que poderia lhe dar energia para ação? O impasse para classificar o projeto governamental Fome Zero como uma questão multicultural se apresenta, pois a classe dos miseráveis não reivindica, não reage. E utilizo uma citação na qual injeto negativas (em itálico e entre parênteses) como recurso argumentativo para explicar a não-voz do esfomeado e talvez a sua inclusão na dimensão das massas:

(Os miseráveis) (*não*) contam com a aliança de outras minorias ou de outros grupos culturalmente dominados e, juntos, (*não*) reagem por meio de suas organizações políticas, para (*não*) serem reconhecidos e respeitados quanto aos seus direitos civis” (Gonçalves e Gonçalves e Silva, 2002:20)

Nessa citação (versão original, sem inclusão das negações), veicula-se aliança entre os dominados, de modo a se lutar por uma integração social, ou seja, o miserável deixaria de ser miserável e começaria a fazer parte do grupo social de respeito e com direitos civis. No entanto a problemática dessa aliança multicultural ocorre na dimensão de um social que prima por comportamento neoliberal - movimento que não nega a diferença, e que trabalha para integração em uma sociedade da competição -, apesar de alardear a missão da igualdade. No corredor neoliberal é o “salve-se-quem-puder”: quem dita as regras. É o movimento da maré política e não um projeto delineado. Se há vencedores na competição é porque há perdedores. Em uma teologia neoliberal pode-se dizer que os homens não nascem iguais, nem tendem à igualdade, logo, por princípio, a rede de diferenças permanece. Mas quando essas diferenças são da ordem do social, elas são aceitas, mas devem ser eliminadas em prol da integração e da inclusão. E aí pergunta-

se se no universo sócio-político neoliberal, as diferenças podem ser integradas pelo objetivo maior, o prato cheio dos brasileiros.

Certos grupos advogam a idéia de que o multiculturalismo deve ser entendida como uma *estratégia política de integração* social. Embora salientem as virtudes do caráter *pluricultural* de suas respectivas sociedades, admitem a necessidade de se conservar um *núcleo de valores comuns* (leiam-se *valores nacionais*, para os quais todos deveriam convergir) (Gonçalves e Gonçalves e Silva, 2002: 14-15).

As estratégias políticas de *integração* do Fome Zero se baseiam em princípios contraditórios, já que um *núcleo de valores comuns* não se faz viável. Como o sujeito pode trabalhar a tão apregoada liberdade se não tem as possibilidades para exercê-la; de um lado “cabe a cada homem ter a coragem de usar o seu próprio entendimento e sair da condição de menoridade, na qual é tutelado por outro que lhe diz o que fazer”, mas de outro a “liberdade somente pode realizar-se publicamente se forem garantidas as condições de possibilidade” (Mance, 1995:2).

3. Generalização

Falar de diferenças pelo multiculturalismo indica reivindicações, lutas, mas o universo neoliberal nega condições de possibilidade a um ator do tipo esfomeado, que acaba se curvando aos ditames do mercado, já que neoliberalismo é um tsunami de cooperação social. O vencido é agrupado no espaço da generalização em nome de uma integração imaginada. É na não-reação do sujeito ‘inválido’, que o discurso neoliberal encontra um lugar profícuo de atuação. O privado, o indivíduo que está sentindo o vazio da fome, é generalizado em uma classe sem atuação. Estratégias políticas do Fome Zero, ao mesmo tempo, se complicam e se arranjam na generalização. A generalização não corta o privado, mas o esconde na aglomeração, constituída por atributos de semelhanças – no caso a fome que se agrega a sujeitos da classe pobre.

4. Convergência das diferenças

Multiculturalismo e neoliberalismo convergem ao partilhar diferença, mas divergem na forma de atuar – diferença na pluricultura, na competição e na simbiose -, na medida em que se movimentam simultaneamente em um mesmo tempo histórico-social, conturbando e fragmentando suas propostas e desvelando a complexidade de um momento pós-moderno. O multiculturalismo: “inscreve-se na perspectiva cultural heterogênea, na qual se questiona a hegemonia do grupo (classe)

dominante e se reserva lugar à expressão das culturas minoritárias para que finalmente se promova a igualdade real de oportunidades” (Machado, 2002:35); atua em espaço neoliberal que gerencia o mundo da exclusão das minorias já que suas regras são a do mercado livre, “única forma de garantir a realização do indivíduo e da ordem natural, isto é, (...) o capitalismo competitivo é a melhor forma de garantir as necessidades do homem” (Malaguti et al., 1998:19); e os despreparados são ejetados do espaço social. Enfim, no mundo multicultural, o neoliberalismo aceita diferenças, mas as *anula* à medida em que oferece oportunidade iguais para todos, como se todos fosse iguais. Não se acha o sujeito que passa fome. Onde está sua face? Onde está sua voz?:

O Brasil aparece mais uma vez em um *relatório* patrocinado pela ONU (Organização das Nações Unidas) como um *país* de *contrastes*. Ao mesmo tempo em que é citado entre países de renda média, *capazes* de serem *doadores* de verba e tecnologia para regiões pobres, tem destaque também pelos *bolsões* de pobreza, *carentes* de investimentos e estrutura (*Folha de São Paulo*, 19 de janeiro de 2005, A8) (itálico acrescido).

O “uso correspondente das palavras gerais” (Flew, 1971:437) faz-se estratégia discursivo-política. Quem tem voz é o governo, designado por *relatório* e *país*; a classe do poder é *capaz* e *doadora*; e o silencioso, a classe pobre é a de *bolsões* e *carente*. Uma ‘de-subjetivação’ de ambos os lados. A de-subjetivação do sujeito-poder é pequena, pois quando se pensa em *relatório*, *capaz* e *doadora*, enxergam-se figuras; podem até serem trocadas, mas os poucos que habitam o poder são logo detectados. Já a generalização que atinge aos esfomeados é referida por *bolsões*, ‘espaço’ de diluição do sujeito. Este sujeito ‘de-subjetivado’ pelo processo da generalização não é um sujeito assujeitado, escravizado por outro(s), mas um sujeito que sofreu apagamento ao ser diluído na massa generalizadora. As diferenças entre privilegiados e não-privilegiados estão na dimensão do social, uma dimensão construída pela voz da intervenção, tanto pelo *status* de um representante, quanto pela voz do poder. E a voz ‘calada’ do esfomeado não aparece. Continuamos a procurar sua face. Percebe-se então que saímos do social e estamos no mundo das massas, local pulverizado pelo social.

5. Apagamento das diferenças: as massas

A generalização não corta o particular, até porque habita o privado; sem este não há como perceber a comunilidade da generalização (Flew, 1971). Só podemos pensar em generalização se houver tanto um

acumulado de particulares semelhantes agrupados em um ‘espaço’, quanto um particular para enxergar a comunidade (estado de ser comum). Privado e generalização é co-existência, nem é simplesmente acumulação de estados, nem sobreposição. Na classe da pobreza, muitos se assemelham, pela falta de dentes, por olhos esbugalhados, por cabelos despenteados, por estarem com vestuários simples e por carência de comida. Dá-se, então, pela generalização, uma imagem unitária (possível e/ou imaginária) desse grupo social. No Fome Zero, não há subjetividades atuantes do esfomeado, seus performativos não se manifestam e quando se acendem são apagados na generalidade de uma identidade de classe. No salve-se-quem-puder do multiculturalismo neoliberal, o pobre não tem chance de competir, e emudecido é engolido pela massa .

Se o esfomeado é massa, poderíamos chamá-lo de “marginalizado existencial” (Meyer, 1971:14). Ou seja, um sujeito que nasce com o *pharmakos*, aquele que nasce com a mancha original, herdada na história de seus ascendentes e por tal tem seu destino marcado. Meyer (1971) faz alusão à tragédia grega, aqueles ‘heróis’ que se encontram sob a maldição dos deuses:

Os protagonistas da tragédia (...) são formas precursoras da marginalização existencial, na medida em que quase sempre se encontram sob a maldição dos deuses e não escolheram eles próprios a constelação trágica, e portanto insolúvel de sua existência (Meyer, 1971: 14)

Essa questão se faz válida se pensarmos que o marginalizado existencial é resultado de uma exclusão social do movimento neoliberal, em que a competição de vozes está para o mais forte. Se já nasce com a mancha da pobreza, da miserabilidade, da ausência de possibilidade de agir em tal sociedade, só resta ao esfomeado caminhar com a tragicidade de sua mancha. Mas me parece que a tragicidade que o acompanha está para além do trágico grego. Na tragédia grega, o *pharmakos* acompanha o herói que no seu caminho vai se alimentando da *hybris*, um impulso exacerbado, que o leva a um fazer desmedido. O esfomeado é um ‘herói’ às avessas, aquele que se encolhe na mancha original, porquanto o impulso de realização permitido ao herói a ele é negado.

O sujeito das massas, não tendo voz, nem face, “é sem atributo, sem predicado, sem qualidade, sem referência”. Aí está sua indefinição radical. Ou seja, o sujeito das massas não tem ‘realidade’ sociológica. (Baudrillard, 1985:12), sua indefinição revela um sujeito sem significado que se espalha e se perde no amontoado esponjoso em que habita. Há

resíduos e impulsos indiretos da voz social, mas ela se perde, já que não tem representação. Um exemplo desses resíduos sociais, em que se busca um referente, está na *Folha de São Paulo*, 17 de janeiro de 2005, A6:

Fome Zero premia ‘elite’ do semi-árido e exclui pobres (título da reportagem) Em uma cidade do Rio Grande do Norte, o Fome Zero beneficia uma espécie de *elite da miséria do semi-árido* e exclui os *mais pobres*. Funcionários públicos, comerciantes, aposentados, professores e agentes de saúde – todos com renda própria – estão incluídos no programa em Afonso Bezerra (a 168km de Natal) (...) ‘É uma vergonha para Afonso Bezerra. Como essas pessoas conseguem dormir, sabendo que estão usando o direito de várias pessoas que passam fome?’, questiona o comerciante Fernando Soares, que entrou com uma representação no Ministério Público pedindo a revisão dos benefícios. (itálico acrescido).

No centro do lingüístico dessa reportagem há duas imagens (figuras 3 e 4, anexo), a imagem do *mais pobre*: uma mulher relativamente jovem, com uma criança nos braços, de *short* e camiseta rasgada, em pé na porta de sua casa, casa esta de parede de barro socado; o sol bate sobre a mulher que espreme seus olhos, tão escaldante o sol que projeta sua sombra na parede de barro; abaixo da foto a identificação “Telma Ferreira da Silva e sua filha Anatilde, que recebem apenas o Auxílio-Gás, de R\$15”. E abaixo dessa foto, uma outra sobre a ‘elite’ do semi-árido: três mulheres, uma jovem sentada em uma cadeira branca de plástico, as que são comumente usadas para relaxamento em praia, sob uma árvore frondosa, cujos galhos caem sobre a fachada de sua loja que fica a esquerda de onde está sentada; rostos de outras duas senhoras acompanham a direção dos gestos dessa moça, que parece estar em conversa animada com alguém; na fachada da loja, uma vitrine mostra roupas coloridas penduradas em manequim e outros produtos enfileirados; abaixo da foto a identificação “fachada da loja de Andréia Kátia Trindade, que recebeu dinheiro do programas sociais”. A sintaxe das duas fotos deixam entrever ‘duplicidade’ em cada imagem, ratificadora de suas posições sociais, ou seja, na primeira, as figuras de Telma e sua filha Anatilde se relacionam com a sombra e na segunda, as figuras do semi-árido compartilham o manequim vestido de roupa colorida, tomara-que-caia. E mais uma vez hiperbolizam-se os extremos: o pobre se soma à sombra e a elite, ao *glamour* da vitrine, esta se coisifica na alegria da cor, aquele fenece na sombra.

Essas imagens “não refletem o social – é o espelho do social que nelas se despedaça” (Baudrillard, 1985: 14), ou seja, o que parece ser a

denúncia do que está ocorrendo na massa - o grupo que se aproveita e o que espera – são “resíduos indiretos” (Baudrillard, 1985:10) da eletricidade absorvida do social. Não são representações de vozes institucionais, mas fagulhas informativas sem obrigação simbólica. Telma e Andréia logo serão diluídas, após o instante da informação midiática. A expansão do significado do pobre e da ‘elite’ do semi-árido se afigura como uma irradiação de nosso imaginário e não como um ato de intervenção social. O sentido das imagens não tem força, pois não tem prolongamento, seus sentidos terminam naquele “espaço perspectivo num momento dado” (Baudrillard, 1985:15). É como se tivéssemos à mão uma neo-figuração de imagens repetitivas e multiplicadas indefinidamente – o que aliás é o que a mídia fornece. Não se tem um referente, mas um referendo da eletricidade estática das massas.

O que se percebe é que o sentido em linguagem, mesmo tentando liberar energia para que se atinja o social, continua estaticizando o mundo das massas. As faces de Telma e Andréia voltam a se diluir pela multiplicidade de jogos de linguagem (lingüístico escrito e icônico) neutralizando o sentido social da luta e da intervenção; são signos que assinalam sentidos circularmente, destinados a políticas de representação nas quais se suprime os pólos de significação entre ‘elite’ do semi-árido e esfomeado. É por esses jogos da linguagem, que parecem da ordem da simulação, que nos permitimos afirmar que nas massas não há sujeito, ou seja, diferenças se perdem no silenciamento do não-sujeito’.

Pelo não-sujeito - esfomeado -, a linguagem midiática vai mostrando estratégias políticas que constroem o sentido social sob duas direções, mas não somente: “aparentemente produzem mais social (como também) neutralizam profundamente as relações sociais e o próprio social (Baudrillard, 1985: 55-56).

Diferenças entre os sujeitos – poderosos e esfomeados – diferenças entre os espaços social e das massas – interventores e silenciados – dão origem a diferenças socioculturais, que mostram movimentos histórico-políticos de uma identidade de Brasil a qual se transforma a cada instante por contínuas e novas práxis.

NOTA

* Esse estudo faz parte de uma pesquisa maior já publicado em livro “Não pense, veja – o espetáculo da linguagem no palco do Fome Zero”, FAPESP e Editora Annablume, 2006.

ANEXO

MARTINS FERREIRA, D. M.. Multiculturalismo e generalização: fome zero. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.



Figura 1. Foto: Ana Nascimento/Agência Brasil/
www.radiobras.gov.br



Figura 2. Foto: Léo Caldas/Folha Imagem/Folha Press

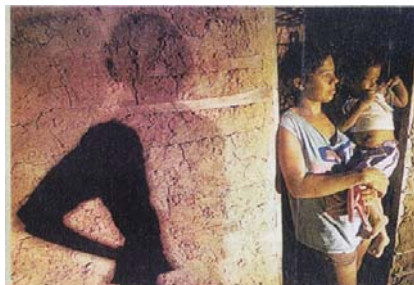


Figura 3. Foto: Jefferson Coppola/Folha Imagem/Folha Press

MARTINS FERREIRA, D. M.. Multiculturalismo e generalização: fome zero. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.



Figura 4. Foto: Jefferson Coppola/Folha Imagem/Folha Press

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas – o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FLEW, A. *Western Philosophy – ideas and argument from Plato to Sartre*. Great Britain: The Gresham Press, 1971.
- GONÇALVES, L. A. O. e GONÇALVES E SILVA, P. B. *O jogo das diferenças – o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- KINCHELOE, J. L., & STEINBERG, S. R. *Repensar el multiculturalismo*. Madri/Espanha: Ediciones Octaedro, S.L, 1999.
- MACHADO, C.G. *Multiculturalismo – muito além da riqueza e da diferença*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- MALAGUTI, M. et al. (org.) *Neoliberalismo: a tragédia do nosso tempo*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MANCÉ, Euclides André. *Quatro Teses sobre o Neoliberalismo*. 5 de outubro de 1995, trabalho apresentado na Universidade Livre do Trabalho, Curitiba, UFPR. www.unicamp.br/ífich
- MAYER, H. *Os marginalizados*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.